



Revista do Instituto de Estudos
Brasileiros

ISSN: 0020-3874

revistaieb@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

Grimm, Flavia

Aspectos da produção teórica e da organização do arquivo de documentos do geógrafo

Milton Santos

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 52, marzo, 2011, pp. 165-182

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641274013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Aspectos da produção teórica e da organização do arquivo de documentos do geógrafo Milton Santos

Flavia Grimm¹

O geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) participou ativamente, por mais de cinco décadas, de importantes debates teóricos ocorridos ao longo da história da disciplina escolhida por ele como área de estudo. Sua obra é composta por 40 livros, 15 trabalhos de editoria, 21 publicações menores e cerca de 380 artigos científicos, além de entrevistas, apresentações, prefácios e matérias de jornal. Essa vasta produção é marcada por continuidades e descontinuidades.

Viveu e lecionou em diferentes lugares do mundo – em cidades no continente americano, na África e na Europa. Graduado em direito, no ano de 1948, atuou nessa área por poucos anos. Foi também jornalista e editorialista, além de ter ocupado cargos públicos administrativos. No entanto, foi principalmente como professor e pesquisador em geografia que participou de diferentes debates de ideias no Brasil e fora dele.

Ao longo de mais de cinco décadas, Milton Santos trabalhou incansavelmente na construção de uma geografia que ultrapassasse o método descritivo² e fosse composta por um *corpus* teórico e instrumentos de análise capazes de explicar o mundo e os lugares.

- 1 Aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo. Desenvolve, atualmente, a pesquisa de doutorado *A trajetória epistemológica de Milton Santos: uma contribuição à teoria geográfica*, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Laura Silveira e com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). E-mail: flaviagrimm@usp.br
- 2 Importantes debates foram realizados na história do pensamento geográfico sobre o caráter descritivo da Geografia, dentre os quais destacamos aqui: CHOLLEY, André. *La géographie*. Guide de l'étudiant. Paris: Presses Universitaires de France, 1942; LE LANNOU, Maurice. *La géographie humaine*. Paris: Flammarion, 1949; DARDEL, Eric. *L'homme et la terre*. Nature de la réalité géographique. Paris: Presses Universitaires de France, 1952; BRUNHES, Jean [1956] *Geografia humana*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962; CLAVAL, Paul. *La pensée géographique*. Introduction à son histoire. Paris: Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1972; SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978; BERDOULAY, Vincent. *La formation de l'école française de géographie (1870-1914)*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1981; MORAES, Antonio Carlos Robert [1986] *A gênese da geografia moderna*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2. ed., 2002; CAPEL, Horacio [1987] *Geografia humana y ciencias sociales: una perspectiva histórica*. Barcelona: Montesinos, 2.

Nosso desejo explícito é a produção de um sistema de ideias que seja, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a apresentação de um sistema descritivo e de um sistema interpretativo da geografia. [...] Descrição e explicação são inseparáveis. O que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação, que supõe a existência prévia de um sistema. Quando este faz falta, o que resulta em cada vez são peças isoladas, distanciando-nos do ideal de coerência próprio a um dado ramo do saber e do objeto de pertinência indispensável.³

É sobre sua importante contribuição para a construção de uma teoria geográfica, a partir de um complexo sistema de ideias, que trataremos aqui. Para isso, ressaltaremos alguns aspectos centrais de sua trajetória teórica, que inclui a sistematização de seu arquivo de documentos⁴.

Um tópico fundamental na edificação desse complexo sistema de ideias é o constante processo de mediação entre a teoria e as manifestações do real. Se o mundo não é o mesmo nos diferentes momentos históricos, o arcabouço teórico precisa acompanhar tais mudanças para não perder seu valor de explicação e análise. Dessa forma, há um incansável esforço de revisão do próprio sistema conceitual por parte do autor. Inúmeras pesquisas empíricas, feitas e dirigidas pelo geógrafo, são um dado dessa realidade. Elas podem ser agrupadas, de maneira bem ampla, em três grandes temas de interesse: Bahia, urbanização do Terceiro Mundo, território brasileiro.

No primeiro grupo, que corresponde aproximadamente à produção científica feita durante os anos 1950 e 1960, incluímos reflexões a respeito do processo de organização da zona cacauzeira no sul da Bahia; da formação da rede urbana do Recôncavo e as mudanças provocadas no centro da cidade do Salvador, consequência de uma nova dinâmica urbana que marcou o contexto posterior à Segunda Guerra Mundial. No segundo grupo, podemos reunir pesquisas, realizadas principalmente ao longo das décadas de 1960-1970, voltadas para a compreensão da especificidade da urbanização nos países do Terceiro Mundo. Aqui encontram-se estudos sobre diferentes cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília, entre outras) e outras latino-americanas (Lima, Caracas, Guadalajara, Medellín), bem como algumas cidades de diferentes países do continente africano (Dar-es-Salaam,

ed., 1989; e SPOSITO, Eliseu. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

3 SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 15-16.

4 O arquivo de documentos corresponde a uma parte do Acervo Milton Santos, que inclui sua biblioteca. O acervo foi doado, pela Sra. Marie-Hélène Tiercelin dos Santos, ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) onde estará futuramente disponível para pesquisa.

Tunís e Dakar). Pesquisas, que correspondem a uma parte da produção realizada durante a década de 1980 e início dos anos 1990, voltadas para a análise do processo de urbanização brasileira – incluindo as mudanças ocorridas na cidade de São Paulo e o fortalecimento de seu papel como metrópole nacional – também podem ser incluídas no segundo grupo.

O terceiro agrupamento, referente ao grande tema “território brasileiro”, inclui investigações sobre a formação do território e suas especificidades atuais, desde aspectos de sua configuração territorial, de seu uso a partir de atores com diferentes recursos sociais, políticos e econômicos, ao seu papel na divisão internacional do trabalho. Nesse grupo, estão reunidos trabalhos realizados a partir de meados dos anos 1980 e ao longo de toda a década de 1990, deixando claro que, na realidade, essa preocupação sempre esteve presente em sua atividade docente e de pesquisa. Um outro importante detalhe a ser considerado é o fato de que, além das pesquisas elaboradas pelo próprio Milton Santos, outras tantas por ele orientadas, desde seu retorno ao Brasil, possuem um papel decisivo no processo de teorização do geógrafo baiano⁵.

Outro aspecto central de sua trajetória intelectual foram os intensos debates conceituais realizados, em diferentes momentos históricos, na própria geografia (no Brasil e no mundo), com as demais ciências sociais e com a filosofia, e ainda com algumas ciências exatas, mais especificamente a teoria da física. Contemporâneo a debates que ocorreram em diferentes correntes filosóficas, tais como o estruturalismo, a fenomenologia e o existencialismo, Milton Santos dialogou com todas elas sempre em busca de inspiração para a construção de seu próprio sistema teórico.

Paralelamente ao exercício constante da mediação entre teoria e aspectos do real e do diálogo com diferentes ideias na geografia e fora dela, o autor voltou-se para a elaboração de uma epistemologia particular⁶

5 A partir de seu retorno definitivo ao Brasil, em 1977, Milton Santos lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e, a partir de 1983, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma instituição. Em cada uma delas, até o ano de 2001, orientou alunos de graduação, de mestrado e de doutorado, além de liderar equipes de pesquisa.

6 Se tradicionalmente a epistemologia é considerada como uma disciplina especial no interior da filosofia, já que cabiam aos filósofos as pesquisas realizadas nessa área do conhecimento, posteriormente ela caminhou no sentido de reconhecer epistemologias particulares às ciências [JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3. ed., 1979]. Gaston Bachelard (*La formation de l'esprit scientifique*. Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective. Paris: Vrin, 1970), no ano de 1938, já propunha a existência de “teorias regionais”, voltadas para os próprios objetos científicos. Partindo da ideia de uma reflexão epistemológica que, alicerçada na filosofia, parta das próprias disciplinas, Michel Foucault (*Las palabras y*

dessa área do conhecimento. Para o geógrafo, um dos requisitos centrais para edificar essa epistemologia interna à disciplina era estabelecer uma coerência interna e externa a ela. A primeira seria sustentada por um *corpus* teórico, enquanto a segunda estaria voltada para a discussão sobre o papel da geografia frente às demais esferas do conhecimento.

A coerência interna da construção teórica depende do grau de representatividade dos elementos analíticos ante o objeto estudado. Em outras palavras, as categorias de análise, formando sistema, devem esposar o conteúdo existencial, isto é, devem refletir a própria ontologia do espaço, a partir de estruturas internas a ele. A coerência externa se dá por intermédio das estruturas exteriores consideradas abrangentes e que definem a sociedade e o planeta, tomados como noções comuns a toda a História e a todas as disciplinas sociais e sem as quais o entendimento das categorias analíticas internas seria impossível.⁷

Nota-se, portanto, o relevo dado pelo autor à determinação do objeto da geografia, no caso o espaço geográfico, como ponto de partida para alcançar as coerências interna e externa. É a partir do objeto, segundo Milton Santos, que se define o *corpus* da disciplina, ou seja, um sistema conceitual e um método que, juntos, devem permitir a operacionalidade.

Na realidade, o *corpus* de uma disciplina é subordinado ao objeto e não o contrário. Desse modo, a discussão é sobre o espaço e não sobre a geografia; e isto supõe o domínio do método. Falar em objeto sem falar em método pode ser apenas o anúncio de um problema, sem, todavia, enunciá-lo. É indispensável uma preocupação ontológica, um esforço interpretativo de dentro, o que tanto contribui para identificar a natureza do espaço, como para encontrar as categorias de estudo que permitam corretamente analisá-lo. Essa tarefa supõe o encontro de conceitos, tirados da realidade, fertilizados reciprocamente por sua associação obrigatória, e tornados capazes de utilização sobre a realidade em movimento. A isso também se pode

las cosas. Una arqueología de las ciencias humanas. Barcelona: Planeta-Agostini, 1984) falava, em 1966, em “regiões epistemológicas”. Jean Piaget (*L’epistemologie et ses variétés*. In: _____. (Direction). *Logique et connaissance scientifique*. Paris: Gallimard, 1967) propõe a existência de uma “epistemologia regional” ou “epistemologia interna”, voltada justamente para uma reflexão sobre os conflitos internos a cada esfera do saber.

7 SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. op. cit., p. 19.

chamar a busca de operacionalidade, um esforço constitucional e não adjetivo, fundado num exercício de análise da história.⁸

Para realizar esse esforço interpretativo de “dentro”, mais uma vez a mediação entre teoria e aspectos do real mostra-se fundamental. Também os diálogos (como já foi mencionado anteriormente) estabelecidos com a própria geografia e demais ciências sociais e, sobretudo, com a filosofia, fertilizaram esse esforço. Nesse processo, o autor realizou um rico exercício de internalização de categorias externas à geografia⁹, que favoreceu a dinamização de seu arcabouço teórico e, conseqüentemente, a própria discussão epistemológica da geografia.

Dessa forma, a internalização (acompanhada de uma releitura) de categorias como técnica, tempo, temporalidade, período, totalidade, totalização, ação, objeto, norma, evento, forma, função, processo, estrutura, formação social, divisão do trabalho, universalidade e particularidade, entre outras, é fundamental na trajetória teórica do autor. Dentre essas, a categoria *técnica* – que não pode ser entendida de maneira isolada¹⁰ – possui um papel de destaque no sistema conceitual de Milton Santos.

A centralidade da técnica reúne as categorias internas e externas, permitindo empiricamente assimilar coerência externa e coerência interna. A técnica deve ser vista sob um tríplice aspecto: como reveladora da produção histórica da realidade; como inspiradora de um método unitário (afastando dualismos e ambiguidades) e, finalmente, como garantia da conquista do futuro, desde que não nos deixemos ofuscar pelas técnicas particulares, e sejamos

8 Idem, *ibidem*, p. 16.

9 Aqui é fundamental ressaltar que o processo de internalização implica a releitura dessas categorias externas para que possam compor, de maneira conjunta, a categorias e os conceitos internos à geografia, uma teoria coerente. Tal processo não deve resultar no uso (ou elaboração) de metáforas que, dissociadas dos conteúdos históricos, não são capazes de explicar a realidade. Resultado: “a metáfora toma claramente o lugar da teoria e impede de encontrar um método explicativo, enquanto favorece a proliferação dos discursos.” (SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. De uma geografia metafórica da pós-modernidade a uma geografia da globalização. *Cultura Vozes*, Petrópolis, n. 4, ano 91, p. 23, jul./ago. 1997.)

10 Nenhuma categoria pode ser pensada isoladamente, mas sim inserida num sistema, no qual, cada uma delas, e nas relações com as demais, formam um *corpus* coerente. Para Milton Santos (*A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. op. cit., 1996. p. 38), “sem dúvida, a técnica é um elemento importante de explicação da sociedade e dos lugares, mas, sozinha, a técnica não explica nada. Apenas o valor relativo é valor. E o valor relativo só é identificado no interior de um sistema de realidade, e de um sistema de referências elaborado para entendê-la, isto é, para arrancar os fatos isolados de sua solidão e de seu mutismo.”

guiados, em nosso método, pelo fenômeno técnico visto filosoficamente, isto é, como um todo.¹¹

A técnica, segundo o geógrafo, deve ser entendida em sua totalidade, como fenômeno técnico. A centralidade dessa categoria deve-se, entre outros motivos, ao fato de que, ao empiricizar o tempo, ela permite a tão buscada união entre espaço e tempo¹².

Outra categoria central a ser mencionada aqui é a de totalidade¹³. Evidenciando a necessidade de uma releitura, Milton Santos afirma que é preciso “[...] retomar o conceito de totalidade, reexaminar as suas formas de aparência, reconhecer as suas metamorfoses e o seu processo e analisar as suas implicações com a própria existência do espaço”¹⁴. Tal categoria tem papel decisivo na elaboração de uma filosofia da geografia¹⁵, o que, para o autor, é fundamental na necessária construção de uma epistemologia particular da disciplina.

O que queremos enfatizar neste ensaio é que não há dúvida quanto ao efeito extraordinariamente dinamizador que o complexo processo de internalização e releitura de categorias externas à geografia teve na trajetória teórica de Milton Santos. Tal situação se evidencia quando, na obra do autor, buscamos a gênese e a evolução na elaboração e no uso de categorias e conceitos tais como *lugar*, *paisagem*, *região*, *território*.

No caso da categoria espaço geográfico, podemos reconhecer diferentes momentos dos debates ontológicos empreendidos pelo autor. Desde as obras voltadas para estudos sobre Salvador, sobre o Recôncavo Baiano

11 Idem, ibidem, p. 20.

12 Discutimos, mais detalhadamente, a centralidade da categoria técnica na obra de Milton Santos em: GRIMM, Flavia. Da técnica ao fenômeno técnico: uma proposta teórica para a geografia. *Anais do XV Encontro Nacional de Geógrafos*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2008. 15p.

13 A categoria Totalidade, que foi trabalhada, entre outros intelectuais, por Georg W. F. Hegel, Karl Marx, Jean-Paul Sartre, Henri Lefèbvre, Maurice Godelier, Lucien Goldmann, Georg Lukács e Karel Kosik, é, para Milton Santos, “[...] uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento da análise da realidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes.” (*A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. op. cit., p. 92.)

14 Idem, ibidem, p. 92-93.

15 “Uma filosofia da geografia deve alimentar-se, em primeiro lugar, da noção de totalidade. [...] O princípio da totalidade é básico para a elaboração de uma filosofia do espaço do homem.” (SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. *Terra Livre*, São Paulo, n. 5 [número especial “O espaço em questão”], Associação dos Geógrafos Brasileiros, p. 9-20, 1988.)

e outras regiões da Bahia (durante os anos 1950) até aquelas sobre urbanização no Terceiro Mundo (décadas de 1960 e 1970), encontramos sucessivas aproximações à definição do objeto da disciplina, passando pela noção de fixos e fluxos (década de 1980) até a ideia de conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (década de 1990). Ou, ainda, diferentes avanços na proposta de periodização do meio geográfico como meio “natural” (ou “pré-técnico”), meio técnico, meio técnico-científico¹⁶ e meio técnico-científico informacional¹⁷.

Além dos diferentes momentos no debate ontológico a respeito do espaço geográfico, propor o seu entendimento como instância da sociedade é outro ponto central na trajetória epistemológica do autor.

Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele *contém* e é *contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia *está* no espaço, assim como o espaço *está* na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social.¹⁸

Soma-se a isso a proposição de conceitos como formação socioespacial, rugosidades, forma-conteúdo, circuitos da economia urbana (circuitos superior, superior marginal e inferior), círculos de cooperação e circuitos espaciais de produção, sistemas de engenharia e sistemas de movimento, uso do território, e tantos outros.

No entanto, para nos aprofundarmos em aspectos centrais da trajetória epistemológica do autor, é preciso voltar-nos também para os contextos históricos¹⁹ por ele vividos, relacionando-os aos debates de ideias e às contri-

16 SANTOS, Milton. Espaço e capital: o meio técnico-científico. *Anais do IV Encontro Nacional de Geógrafos*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Regional Rio de Janeiro, julho, 1981.

17 Idem. *Técnica. Espaço. Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

18 Idem. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985. p. 01.

19 Segundo Vincent Berdoulay, em artigo publicado originalmente em 1981, (A abordagem contextual. *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 47-56, jul./dez., 2003), na elaboração de uma história do pensamento geográfico, como em outras áreas do saber, são comuns os debates existentes entre visões internalistas e externalistas de construção do conhecimento. Segundo o autor, para os internalistas é necessário dedicar-se mais ao próprio conteúdo do conhecimento científico, enquanto as preocupações externalistas voltam-se, sobretudo, para a investigação das relações que o conteúdo científico possui com os processos sociais. O mesmo autor propõe a ideia de “abordagem contextual” para a elaboração de estudos em história do pensamento geográfico. Dentre alguns

buições teóricas que realizou. Ao lecionar em diferentes cidades de distintos países, ao longo de aproximadamente treze anos (entre 1964 e 1977), Milton Santos teve a oportunidade de conviver em vários ambientes de pesquisa (cerca de doze universidades estrangeiras), sem contar as vivências em instituições brasileiras de ensino e pesquisa, em Salvador, no Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, é muito importante ressaltar que o geógrafo baiano, ao longo de mais de cinco décadas, viveu num mundo que passou por mudanças drásticas, principalmente a partir da revolução técnico-científica²⁰.

A partir dos debates estabelecidos, e dos contextos vividos pelo autor, podemos reconhecer diferentes momentos de seu percurso intelectual, ou seja, delimitar sucessivas etapas de uma produção teórica marcada pela autocrítica constante e esforço de revisão teórica. Daí a elaboração de uma periodização de sua trajetória epistemológica marcada por continuidades e mudanças, situação que, de um modo geral, acompanha a trajetória de grandes intelectuais.

Períodos

Os cinco períodos²¹ que apresentaremos a seguir foram baseados em duas variáveis principais: uma história das ideias, dos temas e conceitos centrais trabalhados por Milton Santos e alguns dados de sua vida acadêmica, dando ênfase aos lugares onde viveu, fator decisivo na construção de sua visão de mundo.

Importante ressaltar que tais períodos não podem ser compreendidos de maneira isolada e desconexa, já que os limites entre eles não devem ser necessariamente vistos como momentos de ruptura. Isso ocorre porque é evidente a continuidade de temas e discussões entre os períodos, uma vez que estes correspondem a etapas da evolução teórica e epistemológica de um mesmo autor²².

pressupostos apresentados nesse recurso de método, é preciso considerar que não há uma dicotomia radical entre fatores internos e externos da mudança científica e que existem tanto sistemas de pensamento em mudança como continuidade de determinadas ideias.

20 RICHTA, Radovan. [1968] *La civilización en la encrucijada*. Madri: Editorial Ayuso, 1974; SANTOS, Theotonio dos. *Revolução científico-técnica e acumulação do capital*. Petrópolis: Vozes, 1987.

21 Para o estabelecimento destes períodos foram destacados alguns debates apresentados, sobretudo, em livros, sendo excluídos, por ora, outros tipos de publicações científicas.

22 Acerca da trajetória teórica de Milton Santos, dentre periodizações que são referência para o debate, mencionamos aqui os trabalhos de: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Por ouvir dizer e por querer saber: conversando com Milton. In: ____ (Org.). *O mundo do cidadão. Um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 26-34; SOUZA, Maria

O primeiro desses períodos corresponde aos anos que vão de 1948 a 1964. Em 1948, Milton Santos formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, apesar de sua inclinação pela geografia desde os estudos ginasiais, quando teve contato com trabalhos do geógrafo pernambucano Josué de Castro. Nesse mesmo ano, realizou concurso público para professor titular no colégio municipal de Ilhéus, no sul da Bahia. Para isso, escreveu e defendeu uma tese intitulada *O povoamento da Bahia*, publicada pela Imprensa Oficial da Bahia.

Paralelamente às atividades de ensino, foi também jornalista entre 1949 e 1964, primeiramente como correspondente do jornal *A Tarde*, na zona cacauceira do estado da Bahia (1949-1953), e depois como editorialista (1954-1964). Destacamos, nesse período, a elaboração do livro *Zona do cacau. Introdução ao estudo geográfico* (1955, com uma 2ª edição – revista e ampliada – publicada em 1957 pela coleção Brasileira da Cia. Editora Nacional).

Foi durante esse período que realizou seu doutorado em geografia na Universidade de Strasbourg, sob orientação de Jean Tricart, com quem estabeleceu um profícuo diálogo a partir de 1956, ano em que se

Adélia Aparecida de. Interdisciplinaridade como objetivo e a disciplinaridade como prática: o sentido da obra de Milton Santos. In: SILVA, Maria Auxiliadora da e TOLEDO Jr, Rubens (Orgs.). *Encontro com o pensamento de Milton Santos: a interdisciplinaridade na sua obra*. Salvador: EdUFBA e IGEO, 2006. p. 35-42; MAMIGONIAN, Armen. Milton Santos e a geografia contemporânea (Conferência de Abertura). In: SILVA, Maria Auxiliadora da; TOLEDO Jr., Rubens & DIAS, Clímaco César Siqueira (Orgs.). *Encontro com o pensamento de Milton Santos: o lugar fundamentando o período popular da história*. Salvador, 2005; ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre Milton Santos e sobre a crescente auto-estima da Geografia brasileira. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (Org.). *O mundo do cidadão. Um cidadão do mundo*. op. cit. p. 35-48; SILVEIRA, Maria Laura. Milton Santos: uma obra, uma teoria. *AGB Informa*, São Paulo, n. 62 (Encarte especial Milton Santos. Um olhar nos 70 anos), Associação dos Geógrafos Brasileiros, 3º trimestre, 1996. p. 10-11; SILVEIRA, Maria Laura. A Geografia de Milton, uma geografia da vida. In: LIMA, Luiz Cruz (Org.). *Conhecimento-Reconhecimento: homenagem ao geógrafo cidadão do mundo*. Fortaleza: EDUECE, 2003. p. 99-108; ZUSMAN, Perla. Milton Santos e a metamorfose da geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). *Ensaio de geografia contemporânea*. Milton Santos: obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 29-36; SOUZA, Álvaro José de et alii (Orgs.). *Milton Santos: Cidadania e globalização*. Bauru: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Editora Saraiva, 2000; BERNARDES, Adriana. Milton Santos: breve relato da trajetória científica e intelectual de um grande geógrafo. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 78, p. 139-152, dez. 2001; PORTO GONÇALVES, Carlos Valter. Milton Santos: ciência, ética e responsabilidade social. In: RIBEIRO, Wagner Costa (Org.). *O país distorcido*. O Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 171-185; VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A geografia nova de Milton Santos (1975-2001). In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). *Milton Santos e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.139-154; e LÉVY, Jacques. *Milton Santos/philosophe du mondial, citoyen du local*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 2007.

conheceram no *Congresso Internacional de Geografia*, no Rio de Janeiro. Sua tese, *O centro da cidade do Salvador*, foi defendida em 1958 e publicada no Brasil em 1959. Ao retornar da França, Milton Santos começa a organizar o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, oficialmente fundado em 1º de janeiro de 1959, que se tornaria um marco na pesquisa em geografia na Bahia e no país²³.

A partir de 1960, passa a compor o quadro de professores da Universidade Federal da Bahia, como livre docente de Geografia Humana, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. No ano seguinte, torna-se professor Catedrático. Milton Santos seria demitido desta Universidade em 1964²⁴. Ainda em 1960, realizou outras importantes contribuições à geografia brasileira, ao fundar a Seção Regional da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) na Bahia e organizar o *Boletim Baiano de Geografia*, que continuaria sendo publicado até 1969. Em 1962, foi eleito presidente da AGB, com o apoio de Caio Prado Jr.²⁵

Paralelamente às atividades acadêmicas e jornalísticas, que continuou realizando após seu retorno da França, em 1958, Milton Santos foi ainda diretor da Imprensa Oficial da Bahia, entre 1959 e 1961, chefe da Casa Civil da Presidência da República no Estado da Bahia (durante o governo Jânio Quadros), em 1961, e presidente da Fundação Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia, entre 1962 e 1964.

Como visto, ao longo desses anos que estabelecem o primeiro período (1948-1964), a trajetória de Milton Santos foi marcada pela coexistência de diversas atividades, tais como professor e pesquisador em geografia; jornalista e editorialista; além de ocupar cargos públicos administrativos. Quanto aos principais debates teóricos realizados pelo autor, dedicou-se, sobretudo, ao estudo de autores clássicos da geografia (com destaque para os franceses) que foram essenciais para a construção de uma geografia urbana e regional da Bahia. No entanto, a partir de sua saída do país, essa característica de acúmulo de atividades deixaria de existir, e o geógrafo passaria a concentrar-se nas atividades de ensino e pesquisa.

23 SILVA, Maria Auxiliadora da. *Criação do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais (1956-1969)*. Site da Fundação Perseu Abramo [texto elaborado em 2002]. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/porta1/modules/news/article.php?storyid=658>. Acesso em: jun. 2007.

24 A Universidade Federal da Bahia homenageou Milton Santos em 1986, conferindo-lhe o título de *Doutor Honoris Causa* e o reintegrou ao seu quadro docente, em cerimônia realizada em 1995.

25 SANTOS, Milton. *Território e sociedade*: entrevista com Milton Santos (entrevistadores Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 94-95.

O segundo período vai de 1964, quando o autor precisa deixar o Brasil e aceita o convite da Universidade de Toulouse, até o ano de 1971. Durante esses anos, Milton Santos viveu na França, onde lecionou nas Universidades de Toulouse (1964-1967), de Bordeaux (1967-1968) e, em Paris, tanto na Sorbonne quanto no Institut d'Études du Développement Économique et Social (1968-1971).

Durante esses anos, podemos afirmar que os debates propostos pelo autor eram direcionados, sobretudo, para a compreensão da especificidade do processo de urbanização do Terceiro Mundo, ultrapassando assim o uso não questionado de teorias e conceitos voltados para explicar tal processo nos países centrais, que é marcado por um ritmo e fatores distintos de formação.

Dirigindo-se, então, para a análise da especificidade da urbanização nos países subdesenvolvidos, o autor buscou compreender a velocidade do processo a partir de diversos fatores, tais como a organização interna das grandes cidades e as relações estabelecidas entre estas e as regiões. Propôs, ainda, uma definição da cidade como centro da região, preocupou-se com as disparidades regionais e também com os processos de hierarquia urbana, cujas características se diferenciavam enormemente entre países centrais e periféricos.

Todavia, é preciso ressaltar que o geógrafo alertava para o fato de que, apesar de existirem elementos comuns aos processos de urbanização de países de passado colonial, alguns fatores asseguravam uma personalidade própria a cada um deles.

Tais debates constam no livro *A cidade nos países subdesenvolvidos* (1965) e foram apresentados ao público de maneira mais detalhada nas obras *Dix essais sur les villes des pays sous-développés* (1970) e *Les villes du Tiers Monde* (1971).

Em *Dix essais sur les villes des pays sous-développés* (1970), o autor buscou enfatizar a importância da *geografia aplicada* para os estudos sobre urbanização. Nos ensaios que compõem esse livro, foram discutidos aspectos da economia nos estudos de geografia urbana nos países subdesenvolvidos, o papel das capitais em seus processos de modernização e aspectos da hierarquia urbana, enfatizando as possibilidades de planejamento e intervenção.

Já em *Les villes du Tiers Monde* (1971) foram enfatizados os temas urbanização, industrialização e revolução demográfica; atividade urbana e dinâmismos urbanos; as cidades e a organização do espaço nos países subdesenvolvidos, com destaque para o papel do Estado; e ainda a morfologia, o crescimento e o funcionamento do tecido urbano. Nesse livro, são

apresentados, de forma já bastante sistematizada, a teoria dos circuitos da economia urbana, tema que seria amadurecido no período seguinte.

Outro livro que merece destaque é *Le métier du géographe en pays sous-développés* (1971), voltado sobretudo para debates acerca da epistemologia da geografia. Segundo María Laura Silveira (1996), essa obra é uma importante síntese quanto às suas elaborações teóricas sobre o método, pois “[...] discutindo as formas da interpretação e os modelos, Milton Santos adverte sobre a necessidade de ressignificar as categorias e renovar a geografia.”²⁶

Durante os anos passados na França, entre 1964 e 1971, o geógrafo estreita os diálogos com a filosofia e intensifica seus debates acerca de categorias como o tempo, período e totalidade.

Na França, Milton Santos passou a vivenciar com maior vigor a emergência deste novo período que, naquele momento, denominava *período tecnológico* da história. Trabalhando com um grupo de geógrafos franceses, decidiu recortar, ao encontrar o esquema necessário, a temática das *modernizações* e suas implicações geográficas. Nascia, desse modo, a noção de *tempo*, casada com as *técnicas* e com os *sistemas espaciais*. Aí estaria o germe de mais um problema reflexivo que o autor levará por todo o futuro: como aproximar a noção de tempo do pensamento espacial?²⁷

Com sua saída da França, inicia-se o terceiro período, que se estende até 1977, ano em que retorna ao Brasil. Durante esses anos (1972-1977), Milton Santos foi professor e pesquisador em diferentes países, como Estados Unidos (no Massachusetts Institute of Technology, entre 1971 e 1972, e na Columbia University, entre 1976 e 1977), Canadá (University of Toronto, entre 1972 e 1973), Peru (Universidad Nacional de Ingeniería de Lima, em 1973), Venezuela, (na Facultad de Ciencias Económicas y Sociales e no Centro de Estudios del Desarrollo da Universidad Central de Venezuela, em 1974) e na Tanzânia (University of Dar es Salaam, entre 1974 e 1976).

Sem dúvida, o fato de ter morado em lugares tão diferentes representou uma conjuntura muito especial para os avanços de suas leituras e seus debates, bem como de pesquisas empíricas. Nesse período, o autor fortalece os diálogos com a filosofia, filosofia da ciência, filosofia das técnicas, epistemologia, epistemologia da geografia e teoria do

26 SILVEIRA, María Laura. Milton Santos: uma obra, uma teoria. op. cit., p. 10.

27 BERNARDES, Adriana. Milton Santos: breve relato da trajetória científica e intelectual de um grande geógrafo. op. cit., p. 144.

conhecimento e, também, com os debates estabelecidos no marxismo, no existencialismo e na fenomenologia.

Ao longo desses anos, ganham ainda mais força as discussões sobre urbanização e subdesenvolvimento, levando-o à ideia de urbanização desigual e à elaboração de uma obra que foi um marco no debate sobre a urbanização dos países do Terceiro Mundo, *L'espace partagé* (1975), publicada no Brasil em 1978. Ao propor a teoria dos circuitos da economia urbana, formado pelo circuito superior (que abriga um circuito superior marginal) e inferior, o autor explicita à geografia urbana clássica a necessidade de se compreender a especificidade do fenômeno urbano nos países subdesenvolvidos, marcados pela dependência e a pobreza, resultado da própria evolução do capitalismo e do impacto das modernizações.

O retorno definitivo ao Brasil, em 1977, estabelece o início do quarto período que, *grosso modo*, corresponderia à produção teórica realizada ao longo da década de 1980. Nessa fase, Milton Santos lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, depois, na Universidade de São Paulo (num primeiro momento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e, posteriormente, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Tratava-se do retorno a um país bastante diferente daquele que o geógrafo foi obrigado a deixar em 1964. Ainda marcado pela vigência do regime militar, o Brasil passava por profundas mudanças em sua configuração territorial, causa e consequência de inovações técnicas, políticas econômicas.

O contexto existente na geografia brasileira é efervescente do ponto de vista dos debates teóricos e metodológicos. A publicação do livro *Por uma geografia nova* (1978), bem como a publicação em português de *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo* (no mesmo ano), ambos de caráter eminentemente epistemológico, contribuíram, a partir de uma visão crítica, com os debates relacionados à história do pensamento geográfico no Brasil e no mundo. A publicação desses livros no país, entre outras obras e vários artigos elaborados nesse momento por diferentes geógrafos brasileiros, bem como os debates realizados a partir do *III Encontro nacional de geógrafos*, realizado em Fortaleza, no ano de 1978, e promovido pela AGB, foram marcos importantes para a construção e estabelecimento da Geografia Crítica no país. Nesse contexto, destacamos a apresentação da categoria de formação socioespacial²⁸.

Ao longo desse quarto período, iniciado quando o autor retornou ao Brasil, ganham destaque as pesquisas sobre o território brasileiro. Também

28 O conceito foi apresentado em artigo científico pela primeira vez em *Society and Space: social formation as theory and method*, na revista *Antipode* de fevereiro de 1977. No mesmo ano foram publicadas versões traduzidas *Cahiers Internationaux de Sociologie* e, posteriormente, no *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, p. 81-99, jun. 1977.

foram realizados estudos sobre a urbanização brasileira e esforços teóricos destinados à elaboração e re-elaboração de uma teoria geográfica.

Voltados para os debates sobre a urbanização nos países do Terceiro Mundo, foram publicados nesse período os livros *A urbanização desigual* (1980), *Manual de geografia urbana* (1981) e *Ensaio sobre a urbanização latino-americana* (1982). Com viés teórico-epistemológico, os livros *Pensando o espaço do homem* (1982), *Espaço e método* (1985) e *Metamorfoses do espaço habitado* (1988). Também foi publicado o livro *O espaço do cidadão* (1987), cuja discussão central sobre território, cidadania e consumo participou dos debates acerca da Constituição Federal de 1988.

Já o quinto e último período corresponde aos anos que vão de 1990 a 2001. Dando continuidade aos debates sobre a urbanização brasileira e, mais especificamente, sobre a cidade de São Paulo, foram publicados os livros *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo* (1990), *A urbanização brasileira* (1993) e *Por uma economia política da cidade* (1994).

Antecedendo o livro *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção* (que seria publicado em 1996), devemos mencionar *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico-informacional* (1994) e *De la totalidad al lugar* (1996), também voltados sobremaneira para um debate teórico-epistemológico.

No ano de 1991, o autor propôs o entendimento da categoria espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações²⁹. Tal proposta, associada a um complexo sistema de conceitos, seria também apresentada no livro *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção* (1996). Marco de sua construção teórico-epistemológica, nesse livro dedicou-se, entre outros aspectos, à construção de uma coerência interna e externa à geografia.

Vale também destacar o livro *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*, publicado em 2000 – uma crítica contundente às mazelas do atual período histórico.

Em 2001, a obra *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, publicada em co-autoria com Maria Laura Silveira, buscou construir uma teoria do país a partir do território, apreendendo sua constituição a partir dos seus usos e do movimento de seu conjunto e de suas partes, reconhecendo as complementaridades existentes. Aqui, como em outros momentos, a preocupação com uma mediação entre teoria e manifestações do real foi norteadora. Merecem também destaque, nesse período, os inúmeros artigos publicados na grande imprensa e as entrevistas veiculadas em revistas científicas e jornais

29 SANTOS, Milton. O espaço: sistemas de objetos, sistemas de ações. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPUR*, Salvador, maio 1991, p. 35-39.

de grande circulação que evidenciavam, entre outros temas, a ausência de um projeto nacional para o Brasil, a crise do atual debate teórico e político no país e o papel da Universidade e do intelectual públicos.

Apresentada a proposta de periodização da trajetória epistemológica do geógrafo Milton Santos, queremos ressaltar que são documentos relativos ao 4º e 5º períodos que compõem, predominantemente, o seu arquivo. Tratam-se, portanto, de documentos reunidos e sistematizados a partir de meados da década de 1970 (após seu retorno ao Brasil).

Arquivo de documentos

Apresentaremos agora, quanto à composição e organização do Acervo Milton Santos, algumas informações qualitativas. Este encontra-se dividido em biblioteca e arquivo de documentos³⁰, reunidos em grande parte no escritório, localizado em seu último endereço residencial. Trata-se de um espaço físico bastante concentrado, marcado por uma minuciosa sistematização que evidencia, entre outros fatores, a complexidade de seu trabalho intelectual.

A biblioteca reúne, *grosso modo*, títulos de filosofia, história, história do Brasil, teoria da história, história e filosofia da técnica, história das ideias, teoria, método, teoria econômica, economia política, história das cidades e urbanização, entre outros temas gerais. Quanto às obras de geografia, encontram-se livros de autores clássicos (em muitos casos, raros, tais como Eric Dardel, Maurice Le Lannou, Max. Sorre, Camille Vallaux) de distintas nacionalidades e momentos históricos; de teoria da geografia; de história do pensamento geográfico; de geografia econômica; de geografia urbana, entre outros. É possível encontrar livros de autores que são, sem dúvida alguma, centrais em sua trajetória teórica, tais como Max. Sorre, Jean-Paul Sartre, Karl Marx ou, ainda, Jacques Ellul, Alfred Whitehead, Alfred Schutz, entre inúmeros outros.

Quanto ao acervo de documentos, este encontra-se estruturado basicamente em estantes e armários, além de pilhas de documentos que, talvez, devido à falta de espaço para serem guardadas, podem ser localizadas em diferentes pontos do escritório (e fora dele).

30 A convite da sra. Marie-Hélène Tiercelin dos Santos, desde agosto de 2005, temos organizado e sistematizado as referências de consulta catalogadas no banco de dados do Acervo Milton Santos. Esse banco de dados (em Access) foi concebido e desenvolvido pelo professor Manoel Lemes da Silva Neto (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

Dentre os tipos de material, existem caixas de arquivo morto que agregam envelopes, pastas e/ou documentos avulsos. Esses materiais podem ser também encontrados isoladamente nas diversas prateleiras que compõem seis estantes e três armários.

No que diz respeito às principais variáveis de catalogação, os documentos são separados em impressos e manuscritos (fig. 1). Entre os impressos (excluídos os livros que formam a biblioteca) encontram-se textos publicados, tanto de autoria de Milton Santos, como de outros autores. Há revistas e artigos científicos (cópias ou separatas) de diferentes autores, artigos e matérias de jornal, material estatístico, publicado por diversas instituições, entre outros. De autoria de Milton Santos, já foi localizada a maior parte da produção teórica – elaborada desde o final da década de 1940 – que pode ser encontrada na forma de publicações menores, artigos científicos, artigos de jornal (sobretudo aqueles vinculados no jornal *A Tarde*), entrevistas etc. Em sua maioria, as publicações de autoria de Milton Santos são originais, com raras exceções que foram localizadas em cópias³¹.

Já a variável “manuscritos” agrupa, no caso deste banco de dados, documentos escritos à mão, datilografados ou digitados (fig. 2). Aqui, como no caso dos impressos, há documentos produzidos por Milton Santos e outros autores. Nesse último caso, é possível localizar teses e dissertações, relatórios de qualificação (de orientandos e bancas das quais participou); projetos científicos, versões de textos etc. Há também variados levantamentos estatísticos (em grande parte, tabelas e gráficos elaborados por orientandos) e correspondências recebidas.

De autoria própria, verifica-se também correspondências, relacionadas a assuntos profissionais, versões digitadas de livros, que em alguns casos inclui diferentes etapas de sua redação; versões de artigos científicos, de artigos de jornal e de outros tipos de texto; levantamentos bibliográficos e estatísticos; pareceres, projetos científicos e relatórios de pesquisa.

Quanto ao material preparado para cursos de pós-graduação, encontraram-se programas, esquemas de aula e ainda, em alguns casos, transcrições de aulas (feitas por orientandos). Os esquemas são um tipo de documento importante, pois dentre eles encontram-se esquemas de

31 Trata-se aqui de um material extremamente valioso para pesquisadores e interessados na obra de Milton Santos, já que, com exceção algumas poucas publicações, a sua produção, elaborada desde fins dos anos 1940 até 2001, encontra-se aí reunida. Seguramente não há outra possibilidade de ter acesso a esse material em sua totalidade – que será disponibilizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros –, tendo em vista que se refere uma obra composta por mais de quarenta livros e cerca de 380 artigos científicos (além de entrevistas e outras publicações), elaborados ao longo de mais de cinco décadas, em diferentes continentes.

conferências, de palestras, de participação em mesas redondas e debates, de discurso de aceitação *Honoris Causa* e, ainda, de arguições.

Um tipo de documento que qualitativa e quantitativamente é bastante significativo são as notas de leitura, comentadas ou não (fig. 3). Esse registro evidencia com muita força o que pode ser verificado nas referências bibliográficas de qualquer trabalho publicado por Milton Santos: a extraordinária quantidade de leitura, realizadas ao longo de tantos anos de trabalho intelectual (lembrando que, no acervo, estão concentrados sobretudo documentos que datam de fins dos anos 1970 em diante).

Outro ponto relevante a ser mencionado é o critério do próprio geógrafo para a sistematização desses documentos (fig. 4). É evidente a importância de uma organização temática (e não cronológica). Essa organização é, indubitavelmente, central. Estabelecemos três grandes grupos que definem a sistematização de caixas de arquivo morto, pastas e envelopes: categorias e conceitos; grandes temas de pesquisa e teoria e método em geografia.

O grupo que denominamos “categorias e conceitos” é formado por materiais, cujo tema central são, exatamente, categorias ou conceitos, tanto internos quanto externos à geografia. São exemplos disso: Espaço; Técnica/ sistemas técnicos/ ciência e tecnologia/ meio técnico científico-informacional; Tempo/ evento/ período e periodização/ cotidiano; Totalidade; Lugar/ Região e regionalização/ Paisagem/ Escala; Natureza/ Sociedade; Território/ Estado; Modo de produção/ Formação social; Forma/ função/ processo/ estrutura; Período Tecnológico/ Globalização.

Tal organização evidencia a importância do processo de internalização de categorias externas à Geografia na dinamização do arcabouço teórico do geógrafo (fig. 5). Necessário enfatizar, mais uma vez, que tais categorias não devem ser entendidas de maneira isolada, seja em seu sistema conceitual, seja em sua organização material. Um exemplo é a categoria *espaço*, que pode ser a chave de entrada de uma caixa, mas também pode constar de outras, como Tempo e Espaço; Período Tecnológico e Espaço [sistemas de objetos/sistemas de ações]; Técnica e Espaço; Sistemas técnicos/ Espaço.

Quanto à sistematização por grandes temas de pesquisa, como já mencionamos anteriormente, podem ser encontradas caixas com as seguintes indicações: Bahia; Urbanização; Urbanização no Terceiro Mundo; Urbanização brasileira; São Paulo [Economia política da cidade]; Dois circuitos/ emprego [Circuitos da economia urbana].

Já o terceiro grande grupo, que determinamos como “Teoria e método em Geografia”, inclui caixas sobre Geografia/ Teoria e método; História da Geografia/ História e Geografia; Teoria e Método/ sobre Geografia; Método/ dialética/ Praxis/ conhecimento/ marxismo e Geografia/ Marxismo (fig. 6)

Dessa forma, esperamos ter apresentado algumas informações qualitativas quanto à organização do arquivo de documentos do geógrafo (fig. 7).

Reflexões finais

Um dos pontos que queremos enfatizar neste artigo é o fato de que era a sistematização teórica do autor que comandava a organização material do ambiente de trabalho. Ou seja, a organização de documentos no acervo era um reflexo de sua forma de sistematizar as ideias.

A organização temática por categorias/conceitos, que quantitativamente é superior à organização de documentos por grandes temas de pesquisa, evidencia a importância que a internalização de categorias externas à geografia tinham na dinamização de sua produção teórica. Chama a atenção a quantidade de documentos relacionados a estudos teóricos e à realização de pesquisas empíricas, o que demonstra o rigor e a disciplina de seu trabalho como intelectual crítico.

Preocupado com a contribuição que a geografia poderia oferecer à Teoria Social Crítica, esteve voltado para a análise do presente, tendo como objetivo central pensar o *futuro*. Sobre essa preocupação, afirma Maria Laura Silveira (1996):

[...] a ideia de futuro aparece, no enredo do autor, como um chamado a discutir um caminho aberto de possibilidades, um reino da esperança, da liberdade e do projeto. Entendendo o espaço como existência e a sociedade como o ser, sua proposta de uma epistemologia existencial nos adverte sobre novas possibilidades... aquelas que nos conduzam a um mundo mais humano, ao mundo da utopia.⁵²

Portanto, é inegável o importante papel da trajetória epistemológica de Milton Santos na construção de uma geografia teórica. Somado à sua extensa obra, o Acervo Milton Santos (que inclui a biblioteca e o arquivo de documentos) representa um material precioso para a pesquisa não apenas em história do pensamento geográfico como também na própria história das ideias no Brasil e no mundo.

52 SILVEIRA, Maria Laura. Milton Santos: uma obra, uma teoria. op. cit., p. 11.